

Pilar P. Barbosa, Maria da Conceição de Paiva, Celeste Rodrigues. *Studies on variation in Portuguese*. Amsterdam: John Benjamins. 2017. 345 pp. ISBN 9789027258137

Alexandra Guedes Pinto

mapinto@letras.up.pt

Faculdade de Letras da Universidade do Porto,
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

Clara Amorim

mfamorimletras.up.pt

Faculdade de Letras da Universidade do Porto,
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

A variação e mudança linguísticas constituem um dos temas mais interessantes nos estudos linguísticos, principalmente quando se tenta compreender os fatores linguísticos e extralinguísticos que subjazem a esses fenómenos.

O Brasil, onde a língua portuguesa está sujeita a uma grande variação, não só geográfica mas também social, possui já alguma tradição nos estudos sobre este tema, tendo começado, já na década de 70 do século XX, a investigar as diferenças linguísticas entre comunidades de fala, relacionando-as com fatores sociais. Grande parte dos trabalhos nesta área foi desenvolvida no âmbito da sociolinguística variacionista (Labov, 1972), tendo-se constituído corpora, com amostras de fala representativas de várias comunidades e estratificadas de acordo com categorias sociais, que permitiram uma melhor caracterização dos diferentes dialetos, bem como a identificação de padrões de variação do PB. Noutras variedades nacionais do português começaram também, mais recentemente, a surgir estudos nesta área com a respetiva recolha de corpora representativos de variação.

Já em Portugal, as amostras de fala existentes foram maioritariamente constituídas para estudar variação diatópica, não tendo em consideração variáveis sociais. O interesse na estratificação de amostras de fala tendo em conta categorias sociais como “idade”, “género” e “nível de escolaridade” é bastante mais recente, destacando-se a base de dados constituída no âmbito do projeto “Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense” (Barbosa et al., 2014), financiado pela FCT, que motivou novos estudos sobre variação do português e a organização de um Simpósio sobre este tema.

O volume *Estudos sobre Variação em Português / Studies on variation in Portuguese*, decorrente do Primeiro Simpósio Internacional sobre Variação no Português, no âmbito do projecto *Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense*, reúne, justamente, pela mão das organizadoras Pilar Barbosa, Maria Conceição de Paiva e Celeste Rodrigues, um conjunto de estudos sobre processos de variação fonética/fonológica, morfológica e sintática em português.

O volume começa com uma perspetivação geral sobre os estudos atuais em variação e mudança, da autoria das responsáveis pela obra, intitulada “The study of variation in Portuguese: overview and outlook” (pp. 1-19), dividindo-se, depois, em duas partes.

A parte 1, intitulada *Variation within national varieties of Portuguese*, apresenta sete trabalhos que, combinando uma análise multidimensional, apoiada em fatores geográficos e sociais, procuram identificar especificidades de diversas variedades geográficas do português e a direcionalidade de algumas das variantes descritas: “Stressed vowels of European Portuguese in spontaneous speech” (Anabela Rato, Celeste Rodrigues e Patrícia Varanda, pp. 23-47); “Glide insertion to break a hiatus across words in European Portuguese: the role of prosodic, geographic and sociolinguistic factors” (Pedro Oliveira, Marisa Cruz, Nuno Paulino e Marina Vigário, pp. 49-79); “Building a prosodic profile of European Portuguese varieties: the challenge of mapping intonation and rhythm” (Marisa Cruz, Pedro Oliveira, Pedro Palma, Bruno Neto e Sónia Frota, pp. 81-110); “The yes-no question contour in Brazilian Portuguese: a geographical *continuum*” (Joelma Castelo e Sónia Frota,

pp. 111-133); “Vocês tenham cuidado, sois educadas para isso”: second person pronouns in Braga speech” (Joana Aguiar e Maria da Conceição de Paiva, pp. 135-152); “Variable use of strong preterites: a sociolinguistic and theoretical approach” (Pilar Barbosa, Ana Bastos-Gee e Cristina Flores, pp. 153-175); “Conditions on variation in pre-nominal possessives in European Portuguese” (Ana Maria Brito, pp. 177-197); “Clitic climbing in the speech of Braga and Lisbon” (Pilar Barbosa, Maria da Conceição de Paiva e Kellen Cozine Martins, pp. 199-217); “Linguistic and social embedding of variable concord with 1st person plural *nós* ‘we’ in Brazilian Portuguese (Anthony J. Naro, Maria Marta Pereira Scherre, Camila Candeias Foeger e Samine de Almeida Benfica, pp. 219-231); “Analyzing a parametric change in Brazilian Portuguese: a sociolinguistic investigation” (Maria Eugenia Lammoglia Duarte, pp. 233-253). A parte 2, intitulada *Variation across national varieties of Portuguese*, reúne quatro estudos que comparam o comportamento de variáveis linguísticas, de níveis gramaticais diversos, em diferentes variedades do Português: “Agreement in Portuguese: contributions from a research Project” (Sílvia Rodrigues Vieira e Sílvia Figueiredo Brandão, pp. 257-278); “The Portuguese inflected infinitive across varieties” (Alexandra Fiéis e Ana Madeira, pp. 279-299); “Dative variation in the Portuguese of São Tomé” (Rita Gonçalves, pp. 301-320); “Simple past with pluperfect interpretation: evidence from Brazilian and European spoken Portuguese” (Kellen Cozine Martins e Maria da Conceição de Paiva, p. 321-339). Cada um dos capítulos encerra com uma lista de referências bibliográficas. A fechar o volume, encontra-se um índice de nomes próprios (pp. 341-342) e um índice remissivo (pp. 343-345).

A primeira parte da obra abre com uma sequência de quatro artigos dedicados à variação fonológica do PE e do PB, articulando os dados linguísticos com a dimensão geográfica e, nos dois primeiros casos, social.

O primeiro capítulo contribui para a descrição segmental do PE, centrando-se na identificação das propriedades acústicas das vogais tónicas presentes no discurso oral de dezasseis falantes da variedade nortenha de Braga. Sendo a maior parte dos estudos existentes nesta área

provenientes de dados de falantes de Lisboa, recolhidos em ambiente controlado de laboratório, este capítulo tem o mérito de apresentar dados da fala de uma variedade menos estudada, cruzando-os com variáveis sociolinguísticas. Com base em dois corpora falados da variedade de Braga recolhidos com um hiato de 15-17 anos – *Corpus de Português Europeu – Variação* (Rodrigues, 2003) e *Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense* (Barbosa et al., 2014) –, as autoras analisaram os valores de frequência para os primeiro e segundo formantes das vogais tónicas produzidas em entrevistas semiespontâneas, cruzando esses dados com as variáveis sociais “género” e “idade” e comparando os dados provenientes dos dois corpora, de forma a analisar a existência de mudanças acústicas diacrónicas na qualidade das vogais. A comparação dos dados analisados com a descrição das vogais tónicas do português europeu padrão permitiu concluir que o triângulo vocálico da variedade de Braga é mais amplo em todos os grupos de falantes estudados, à exceção do grupo da faixa etária mais jovem do corpus CPE-Var. De acordo com as autoras, as produções desse grupo poderão ter sido afetadas pela fala do entrevistador, falante de um dialeto do sul. O estudo demonstrou também que não houve alteração acústica das vogais tónicas no período de 15-17 anos que separa os dois corpora. Por outro lado, o fator “idade” parece não ter impacto na qualidade das vogais tónicas.

A variação fonológica dialetal centrou-se tradicionalmente na variação segmental ao nível da palavra, havendo menos investigação ao nível da frase. Desta forma, é com muito agrado que se verifica que o segundo capítulo da obra dá um contributo para esta área de estudos, centrando-se na inserção de uma glide em contextos de sândi externo, traço fonético-fonológico estigmatizante tradicionalmente associado aos dialetos setentrionais. O estudo tem como objetivos a identificação do domínio prosódico do fenómeno, a sua distribuição geográfica e o papel de fatores como idade ou estilo de fala na sua ocorrência. Para a análise dos dados de dois estilos de fala (controlado e semiespontâneo), recolhidos em seis localidades rurais e urbanas do norte de Portugal e uma localidade rural do Centro, foram controladas as variáveis linguísticas “estatuto prosódico

da primeira vogal”, “contexto prosódico” e “proeminência”, bem como as variáveis extralinguísticas “região”, “tarefa” e “idade”. Os resultados demonstraram que a inserção de glide entre vogais centrais pertencentes a palavras diferentes abrange o sintagma entoacional em todas as localidades analisadas, embora se verifique grande variação na frequência do fenómeno. A análise estatística mostra que tanto os fatores linguísticos como extralinguísticos afetam a taxa de inserção de glide, nomeadamente o estatuto prosódico da primeira palavra e a tarefa, considerados isoladamente, e o domínio prosódico e nível de proeminência em interação com fatores extralinguísticos. Assim, embora a taxa de inserção de glide varie entre falantes de diferentes áreas geográficas, há um padrão de correlação entre constrangimentos estruturais, idade e estilo. A conclusão dos autores reveste-se de máximo interesse, já que aponta para um processo de mudança em curso. Com efeito, os dados mostram que a inserção de glide é significativamente menos frequente nos informantes mais jovens, na maior parte da amostra da região mais a sul, no estilo mais formal e em centros urbanos mais centrais. Assim, a inserção de uma glide entre vogais centrais tem tendência a desaparecer.

A fonologia prosódica é também o objeto de estudo do terceiro capítulo, que tem o mérito de contribuir de forma inovadora para a variação linguística do português europeu, recorrendo a modelos probabilísticos que permitem fazer previsões sobre as características linguísticas de zonas ainda não estudadas, de forma a definir as áreas dialetais. O estudo tem como objetivo definir uma metodologia para o mapeamento da entoação e do ritmo do PE, contribuindo para a elaboração de um perfil prosódico das variedades do PE. O corpus analisado é constituído por amostras de fala de três mulheres com idades compreendidas entre os 20 e os 45 anos de sete zonas urbanas, cada uma de um distrito de Portugal continental. Para a entoação, os autores analisaram os contornos nucleares (dominante e alternativo) de interrogativas sim-não neutras recolhidas em duas tarefas diferentes (leitura e discurso semiespontâneo). Para o estudo do ritmo, foram analisadas 1050 frases produzidas numa tarefa de leitura. A análise destes dados foi feita com base em três medidas

acústicas: a proporção de intervalos vocálicos, a variabilidade de intervalos consonânticos e a medida normalizada da variabilidade dos intervalos consonânticos. O estudo do perfil prosódico das variedades do PE conclui que o contorno dominante de perguntas sim-não é, de uma forma geral, comum a todas as regiões e estilos de fala (núcleos baixos/descendentes e fronteiras tonais ascendentes), apesar de haver regiões com contornos alternativos. Relativamente à análise do ritmo, os resultados indicam um ritmo silábico na zona de Lisboa e Alentejo, e um ritmo acentual na costa Sul. As regiões do Centro-Sul têm um ritmo mais acentual (à exceção do Alentejo), enquanto as regiões costeiras do Norte-Centro apresentam um ritmo menos acentual. Com base nos métodos cartográficos de interação espacial e de interpolação espacial para o mapeamento da entoação e do ritmo, respetivamente, os autores concluem que a entoação não coincide com as isoglossas traçadas previamente com base em traços segmentais e sintáticos, enquanto a distribuição do ritmo se aproxima mais dessas isoglossas.

O quarto capítulo da obra estuda questões semelhantes no Português do Brasil, tendo como objetivos contribuir para o conhecimento do sistema entoacional do PB e para o entendimento da variação entoacional nas variedades brasileiras. A investigação baseou-se num corpus de 34 frases interrogativas, recolhidas em sete localidades urbanas da costa brasileira, através de entrevistas a quatro mulheres escolarizadas, falantes nativas do PB, com idades compreendidas entre os 20 e os 45 anos. A variação do padrão acentual da palavra final da frase foi controlada, de forma a observar os efeitos do alinhamento tonal relativamente à distância entre a sílaba acentuada e a fronteira prosódica. A análise dos dados, com base no modelo métrico-autossegmental, revela uma tendência para um continuum na entoação, partindo de um contorno ascendente, encontrado nas variedades do Norte, para um contorno ascendente-descendente nas variedades do Centro-Sul. Já na zona da Baía aparece como uma área dialetal intermédia, onde coexistem os dois contornos.

O capítulo 5 move-se para o tratamento de uma variável morfológica, analisando a variação entre as formas de tratamento pronominal “você”,

amplamente difundidas no uso oral do PE e do PB, e “vós”, atestadas em alguns usos da fala bracarense, através do corpus *Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense*. Começando por uma breve contextualização do sistema de formas de tratamento em PE, com anotações relativas ao PB, nomeadamente quanto ao seu enquadramento gramatical (formas pronominais, verbais e nominais) e discursivo (ligação com a cortesia e as relações de poder e solidariedade), o estudo procede também a uma curta retrospectiva histórica do uso do *tu*, do *vós* e do aparecimento do *vocês* até à sua gramaticalização, na atualidade, como pronome de 2ª pessoa, com diferentes expansões em PB e em PE. Através de uma amostra de entrevistas socialmente estratificada, as autoras concluem que a forma de tratamento através do *vós* explícito ou de sujeito nulo com flexão do verbo na 2ª pessoa do plural, embora atestada, se encontra em decréscimo na região de Braga e que o *vocês*, combinado com formas de 3ª pessoa do plural, se encontra, pelo contrário, em crescimento, em linha com o que se passa nas restantes variedades do PE (neste ponto, ressalta que alguns dos quadros apresentados beneficiariam do acompanhamento de uma legenda explicativa, já que apenas são perceptíveis se forem conhecidos os códigos de catalogação do corpus *Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense*). A tendência detetada é particularmente marcada no grupo etário mais jovem, entre os 15-25 anos, apontando, assim, para a importante conclusão de que, mesmo nesta região, se trata de uma mudança em curso. O estudo permite ainda confirmar que esta mudança não ocorre ao mesmo ritmo em todas as formas, sendo que a forma nominativa se encontra num estágio mais avançado relativamente às formas clíticas e tónicas *vos* e *convosco* e às formas fletidas com sujeito nulo, que patenteiam maior taxa de ocorrência. A amostra usada para a verificação desta variação é, tal como as próprias autoras reconhecem, pequena, sendo que não ficam claros os critérios para a sua segmentação do corpus original. Nesta amostra, uma parte das formas de 2ª pessoa do plural ocorre nas intervenções dos próprios entrevistadores, cujo discurso não sabemos se está incluído na estratificação em estudo.

O capítulo 6 apresenta um interessante estudo sobre o uso das formas de 1.^a e 3.^a pessoas do singular de pretéritos fortes, um traço fortemente estigmatizante associado aos dialetos setentrionais. Tendo como objetivos descrever o uso variável daquelas formas, determinar os fatores linguísticos e sociais que favorecem essa variação e propor uma explicação do fenómeno, as autoras analisam 50 amostras de discurso oral da região de Braga. As amostras analisadas foram selecionadas aleatoriamente de três faixas etárias (26-59, 60-75 e >75 anos) e quatro níveis de escolaridade (nenhum ciclo de escolaridade, entre 4 e 9 anos de escolaridade, entre 10 e 12 anos de escolaridade e grau académico superior). Foram analisadas 3627 ocorrências das formas verbais de 1.^a e 3.^a pessoa do singular dos verbos *estar* (*estive / esteve*), *fazer* (*fiz / fez*), *pôr* (*pus / pôs*), *ter* (*tive / teve*) e *ser / ir* (*fui / foi*), tendo-se controlado as variáveis sociais “idade” e “nível de escolaridade” e as variáveis linguísticas “verbo” (*estar, fazer, pôr, ter e ser / ir*), “expressão do sujeito” (sujeito realizado, sujeito nulo e outras realizações do sujeito, como sujeitos expletivos, pronomes interrogativos, reflexos e relativos) e “posição do sujeito” (pré ou pós-verbal). Os resultados do estudo demonstram que a variação presente numa parte dos falantes está totalmente ausente em 21 das 50 amostras de fala. As autoras demonstram também que a variação é condicionada pela realização expressa do sujeito e pelo nível de escolarização.

No capítulo 7, encontramos um estudo sobre a variação da sintaxe dos possessivos pré-nominais em PE. A autora propõe que as diferenças dialetais encontradas entre a variedade padrão e dialetos do Sul se devem à existência de duas gramáticas em competição. Na gramática padrão do PE, os possessivos pré-nominais só podem ser antecidos de artigo definido, enquanto os pós-nominais só podem ser seguidos de artigo indefinido, não se aceitando a redução fonética destas formas. Por outro lado, admite-se a sua coordenação sob focalização, bem como a focalização, podendo ainda ser modificadas por advérbios aspetuais. Já a gramática marcada dialetalmente aceita a redução fonética dos possessivos pré-nominais, que são quase um clítico, não admitindo a sua

coordenação, focalização e modificação. De acordo com a proposta da autora, os possessivos pré-nominais ocupam, na gramática dominante, a posição Spec na categoria AgrP dentro do DP, sendo a coocorrência com o artigo definido explicada pelos traços codificados pelas categorias lexical e funcional, não se devendo, portanto, a um parâmetro relacionado com a categoria dos possessivos. Nos dialetos do Sul, os possessivos ocupam presumivelmente a posição D. A autora propõe ainda que a coocorrência dos possessivos pré-nominais com artigos indefinidos e a sua modificação por advérbios de grau, possíveis em usos formais e escritos, são governadas por condições lexicais e semânticas.

O capítulo 8 apresenta um interessante estudo comparativo do fenómeno da subida do clítico, a partir de amostras de discurso oral das regiões de Braga e de Lisboa, onde se comprova uma taxa de ocorrência superior do clítico na posição mais alta relativamente à posição junto do infinitivo. As autoras começam por uma perspetivação geral do fenómeno, enquadrando-o no processo da “reestruturação” ou formação de predicados complexos com verbos específicos (modais, verbos de movimento, aspetuais, volitivos). Focalizam o estudo na análise dos clíticos de 1ª (*me, nos*), 2ª (*te, vos*) e 3ª (*se, lhe*) pessoas, tendo observado que a subida do clítico não se manifesta de forma simétrica em todos os verbos de controlo e de elevação estudados. Em certas construções aspetuais (*estar a, chegar a, passar a, pôr-se a, tornar a*), modais (*dever, poder*) e temporais (*auxiliar ir*), a subida de clítico é categórica, levando as autoras a confirmar que os verbos modais, aspetuais e temporais estão no topo da escala de verbos que favorecem a subida do clítico e capazes de formar predicados complexos. As autoras determinam ainda alguns padrões mais finos de variação, através de uma análise multivariada, chegando a confirmar o peso de determinadas especificações lexicais e semânticas no fenómeno de subida. A análise do influxo de variáveis externas, como o sexo, a idade e a escolarização, levou as autoras a confirmar que a subida do clítico se configura como um fenómeno de variação estável e não como uma mudança em curso. O trabalho abre pistas importantes para uma

exploração mais profunda sobre as variáveis internas que condicionam a subida do clítico, nomeadamente através de um afinamento das restrições lexicais envolvidas, focalizando, por exemplo, a ausência e presença de preposição e as preposições selecionadas pelos itens lexicais que tendem a favorecer este movimento; ou ainda as propriedades semânticas dos verbos, e o comportamento da subida no caso dos clíticos de 3ª pessoa não estudados, tal como as próprias autoras apontam no seu estudo.

O capítulo 9 retoma um tema já tratado na literatura sociolinguística no Brasil referente à variação entre a presença ou ausência da desinência standard *-mos* com o pronome de 1ª pessoa do plural *nós* (*nós cantávamos / nós cantava; nós cantamos / nós cantou; nós cantamos / nós canta*), em que a ausência de *-mos* é substituída pela marca da 3ª pessoa do singular. As autoras propõem-se abordar o influxo no fenómeno de variáveis internas ligadas ao paradigma verbal e de variáveis externas ligadas ao grau de escolarização dos falantes. Para tal, o estudo socorre-se de corpora de projetos diferentes, focalizados em áreas rurais e urbanas de três regiões do Brasil e estratificados segundo parâmetros diferentes, facto que acaba por dificultar algumas das conclusões. Os resultados obtidos permitem adiantar a conclusão muito relevante de que a ausência da desinência *-mos* não deve ser interpretada como um fenómeno de falta de concordância entre a pessoa *nós* e a respetiva forma verbal, podendo ser um método de gerar diferenciação entre o pretérito e o presente (marcado pela ausência da desinência), nos casos em que as formas são partilhadas (*cantamos* (pres) / *cantamos* (pret)). Também, na queda expressiva da desinência nos imperfeitos (*nós cantávamos / cantava*), as autoras veem o fator estrutural de redução fonológica das formas com acento na antepenúltima sílaba como fator relevante, ganhando, por isso, esta variação um significado funcional, cognitivo e estrutural. A análise multivariada das amostras permitiu, ainda, comprovar que a variável é sensível ao fator social “grau de escolarização”, sendo a frequência de uso da desinência padrão diretamente proporcional ao grau de escolarização dos falantes.

O capítulo 10 apresenta um estudo sobre a remarcação do valor do Parâmetro do Sujeito Nulo no PB, um processo de mudança em curso no PB. A autora demonstra a importância da associação, ainda invulgar, entre a Linguística Variacionista e a Linguística Generativa para interpretar os subprodutos da mudança em curso. A partir de dados diacrónicos e sincrónicos, a investigação revela uma série de mudanças interrelacionadas que explica a taxa de sujeitos referenciais no PB, comparativamente com o PE, defendendo a mudança paramétrica do Sujeito Nulo no PB. Paralelamente, argumenta que os sujeitos nulos que ainda resistem no PB não se encontram em distribuição complementar com pronomes expressos, mas sim em variação com estes, relacionando-se com o facto de o PB estar a tornar-se numa língua de tópico proeminente.

Com base em dados reunidos no projeto luso-brasileiro *Estudo Comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias*, apoiado numa amostra socialmente estratificada de Lisboa, Funchal e Rio de Janeiro, o capítulo 11 propõe-se determinar se as diferenças na concordância nominal e verbal nas variedades do PE e do PB permitem falar de padrões linguísticos categóricos, semicategóricos ou variáveis e, assim, determinar diferenças tipológicas e de tendência nestes fenómenos em variação. Para tal, são estudadas as variáveis: concordância de número no sintagma nominal; concordância verbal de 3ª pessoa e concordância de 1ª pessoa em verbos e em construções predicativas.

A partir dos dados do corpus, o estudo conclui que os padrões de concordância do plural no interior do SN divergem no PE e no PB, sendo que no PE a marcação de todos os constituintes do SN com a desinência do plural parece ser categórica, atingindo quase 100% das ocorrências em todas as classes sociais, ao passo que, no PB, o número de ocorrências de constituintes não marcados com a desinência de plural aponta para um padrão variável, no discurso de falantes menos escolarizados, e semicategórico, em discurso de falantes mais escolarizados. O estudo permite também determinar

que a variação é afetada por fatores estruturais (saliência posicional, fónica e semântica) e sociais (grau de escolarização, faixa etária e género). Quanto à concordância verbal de 3ª pessoa do plural, a forma padronizada de marcação do verbo com a desinência de pessoa (*eles usam*) compete com uma variante com ausência desta marcação (*eles usa*), saliente, sobretudo, no PB, onde o fenómeno está relacionado com fatores sociais como o grau de escolarização e o traço rural vs urbano e, onde a variação aponta para a ação de uma regra variável. Fatores internos (constituição gramatical do SN, posição face ao verbo, paralelismo discursivo, propriedades do sujeito, saliência fónica da forma verbal) interagem com os fatores sociais para gerar diferentes graus de cumprimento do padrão. Quanto à concordância nas duas formas de 1ª pessoa do plural - *nós* e *a gente* – atestadas nas variedades de PB e PE, o PE manifesta maior taxa de ocorrência da concordância no plural (*a gente cantamos*) do que o PB. Dos dados, as autoras extraem generalizações relevantes que parecem distanciar as variedades PB e PE, quanto ao modelo de marcação do plural. O estudo abre pistas importantes para desenvolvimentos futuros, pela extensão a outras amostras, e pela exploração da hipótese teórica de correlação entre o tipo de regras linguísticas e a tipologização de fenómenos gramaticais e de línguas /variedades.

O capítulo 12 contribui significativamente para o volume em apreciação como um dos capítulos que assume uma perspetiva de variação diacrónica, referindo alguns aspetos da evolução do infinitivo flexionado desde o século XII até à atualidade, e revendo as propriedades e a distribuição da construção em diferentes variedades do português atual (nomeadamente, português europeu, brasileiro, moçambicano e angolano). A descrição diacrónica bem como os dados do comportamento do infinitivo flexionado nas variedades atuais conduzem as autoras a considerar que esta construção não configura um fenómeno unificado e, por isso, a defender a existência de três tipos de infinitivos flexionados, que diferem entre as formas que exibem características similares a um verbo finito (infinitivo flexionado

independente; infinitivo flexionado dependente) até às formas que se aproximam do infinitivo não flexionado (infinitivo flexionado controlado ou “infinitivo pseudo-flexionado”). Se relativamente aos dados diacrónicos, que ajudam a compreender as diferenças observáveis na atualidade, são fornecidas informações metodológicas, que permitem compreender a recolha dos mesmos de subcorpora desde o século XIII até ao século XIX, já relativamente aos dados do que as autoras designam como PEC (Português Europeu Contemporâneo), encontramos duas situações diversas. Ora as autoras recorrem a outros estudos sobre o comportamento destas construções em diferentes variedades do português, assumindo como válidas as tendências apontadas pelos autores dos mesmos estudos; ora as autoras referem exemplos do PEC, não disponibilizando uma descrição metodológica deste corpus. Não obstante esta falta de informação metodológica, sobre os corpora e os métodos de tratamento dos dados, o estudo proporciona uma descrição exaustiva das propriedades das construções de infinitivo flexionado, apontando para a importante conclusão de que esta construção ocorre numa variedade de contextos superior à que normalmente é descrita e reconhecida no PE padrão.

A partir de um corpus oral do português de São Tomé, recolhido entre 2008 e 2011, o estudo apresentado no capítulo 13, descreve a alternância entre duas estratégias existentes nesta variedade para expressar o argumento dativo com o papel temático de Recipiente, a saber: uma construção ditransitiva preposicionada (acompanhada das preposições *a* ou *para*) e uma construção de duplo objeto, avaliando o influxo de variáveis internas e externas nesta variação. O capítulo abre, assim, a janela sobre um conjunto de variedades menos trabalhadas no volume, contribuindo significativamente para a sua diversidade. Começando por traçar um quadro da situação linguística atual em São Tomé, com o domínio do português de São Tomé sobre os crioulos, as autoras partem para a descrição das construções em estudo, comparando o funcionamento de línguas como o inglês, com alternância entre a construção ditransitiva preposicionada e a

construção de duplo objeto, e o PE, que apenas permite a primeira, com a preposição *a*. Esta abordagem ao tema permitirá às autoras explicar as variações ocorrentes na construção dativa em variedades não europeias do português como uma reanálise do argumento dativo, possivelmente resultante de um *input* semântico ambíguo deste argumento no PE e/ou do contacto entre línguas. Os dados da amostra foram analisados tendo em conta variáveis linguísticas como o tipo de verbo dativo e a animidade do Recipiente, que se mostraram relevantes na distribuição das construções. Já quanto à variável social testada, correspondente ao grau de escolarização dos informantes, divididos em dois níveis educacionais, não fica muito claro o influxo da mesma nos resultados, abrindo portas para um estudo mais profundo nesta área, nomeadamente com a criação de mais níveis de escolarização e outras variáveis independentes externas, como a idade, por exemplo. Os dados comprovaram que o português de São Tomé exhibe uma alternância entre as construções em estudo. A mesma resultará, por um lado, do contacto entre línguas (transferência do crioulo de São Tomé, onde a construção de duplo objeto é usada para expressar Recipientes) e, por outro, do acesso a princípios de uma Gramática Universal condicionadora, neste caso, da expressão dos dativos.

O capítulo que encerra o volume analisa a variação entre os pretéritos perfeito e mais-que-perfeito composto na expressão da anterioridade de uma situação face a outra no passado, noção que é específica da segunda forma, mas que poderá também ser recoberta pela primeira, que, voltada para expressar anterioridade face ao momento da enunciação, também desenvolveu, no uso, este valor secundário de expressão de anterioridade face a um momento passado. O estudo utiliza amostras comparáveis de PE (Lisboa) e PB (Rio de Janeiro) oral, socialmente estratificadas em fatores como idade, género e grau de escolarização e testa três variáveis linguísticas no uso do pretérito perfeito simples com interpretação de mais-que-perfeito: a flexão de pessoa, a referência de tempo e

o tipo de frase. Os dados recolhidos comprovam que a frequência do pretérito perfeito, com a leitura em apreciação, suplanta a do mais-que-perfeito composto. Relativamente às variáveis linguísticas testadas, a variável “flexão de pessoa” não demonstrou ser relevante na distribuição do pretérito perfeito com leitura de mais-que-perfeito. Em contrapartida, a variável “ponto de referência” demonstrou atuar como fator relevante nesta distribuição, sendo que a ocorrência do pretérito perfeito com leitura de mais-que-perfeito, em ambas as variedades estudadas, torna-se tanto mais frequente quanto exista na frase uma forma verbal ou uma expressão adverbial que imponha fronteiras perfectivas explícitas. Já a variável “tipo de frase” demonstrou que os contextos prototípicos de ocorrência desta interpretação do pretérito perfeito são as frases hipotáticas, sobretudo causais e temporais, introduzidas pelo conector “depois”. As autoras atingem, assim, conclusões relevantes sobre as variáveis internas que condicionam esta variação, comprovando que a alternância entre o pretérito perfeito e o mais-que-perfeito composto, na expressão da anterioridade no passado, decorre sobretudo de fatores semântico-discursivos e não de fatores morfológicos. Ficaram por testar as variáveis externas que a amostra socialmente estratificada permitiria e que não foram incluídas no estudo.

Ao ser um dos primeiros volumes coletivos a concentrar tantos estudos sobre variação no português atual, a publicação *Studies on variation in Portuguese* afirma-se como notavelmente inovadora. Os estudos isolam variáveis dependentes de diversos níveis linguísticos, permitindo uma cobertura interessante de fenómenos; avaliam o influxo de diferentes variáveis independentes externas e possibilitam um panorama grande-angular sobre diversas variedades geográficas do português.

Embora com algumas constantes no tratamento do fenómeno da variação e mudança e o predomínio de determinados quadros teóricos, existe, no volume, espaço para alguma diversidade teórico-metodológica, o que torna o livro eclético e compreensivo. Esta mesma

diversidade acarreta, por vezes, alguns desequilíbrios entre capítulos, que, apesar de existirem, não perturbam a qualidade global da obra. A atualidade dos tópicos e dos quadros teóricos é outro dos aspetos a merecer saliência.

Em síntese, o livro é um importante contributo para a descrição do português, constituindo uma obra de leitura imprescindível para todos quantos estejam interessados na compreensão de fenómenos de variação e mudança do português contemporâneo.

REFERÊNCIAS:

- Labov, W. 1972. *Sociolinguistic Patterns*. University of Pennsylvania Press.
- Barbosa, P.; Rato, A.; Barroso, H.; Santos, I.; Teixeira, J. P., Marques, M. A.; Pereira, E.; Paiva, M. C. (2014). *Perfil sociolinguístico da fala bracarense [Corpus]*. Disponível em http://cehum.ilch.uminho.pt/fala_bracarense.
- Rodrigues, C. 2003. *Lisboa e Braga: Fonologia e variação*. Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia; Fundação Calouste Gulbenkian.

